

A ORIGEM DOS BATISTAS

Sucessionismo, Landmarkismo e a Teoria J-J-J

Lucas Mourão Tavares

Prof. Esp. Juan de Paula Santos Siqueira

Resumo: Este artigo explora, através de revisão de literatura, a teoria Sucessionista batista, também conhecida como Teoria JJJ (João, Jordão, Jerusalém). A Teoria JJJ, defendida por historiadores batistas americanos associados ao Landmarkismo, sustenta que os batistas descendem diretamente da época de Jesus, mantendo uma sucessão apostólica ininterrupta. Esta teoria é apresentada e defendida em obras como **O rastro de sangue**, de J. M. Carroll, e **Baptist succession**, de D. B. Ray, as quais argumentam que os batistas preservaram suas doutrinas e práticas desde os tempos apostólicos, resistindo às influências da Igreja Católica Romana e de outras denominações. No entanto, a teoria enfrenta críticas de historiadores como Zaquei Moreira de Oliveira, Henry Vedder e Justo Anderson, que apontam falhas metodológicas e defendem que a verdadeira continuidade dos batistas reside na fidelidade aos princípios e práticas apostólicas, e não em uma sucessão institucional visível. O documento menciona que a popularidade da Teoria JJJ teve um impacto significativo no fortalecimento denominacional e evangelístico, especialmente no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1980, mas, atualmente, a teoria não é amplamente sustentada por historiadores contemporâneos, que preferem uma abordagem mais crítica e baseada em evidências históricas.

Palavras-chave: Batistas. Origem. História. Landmarkismo. Sucessionismo.

Abstract: This article explores, through a literature review, the Baptist successionist theory, also known as the JJJ Theory (João, Jordão, Jerusalém). The JJJ Theory, advocated by American Baptist historians associated with Landmarkism, posits that Baptists descend directly from the time of Jesus, maintaining an unbroken apostolic succession. This theory is presented and defended in works such as **The trail of blood**, by J. M. Carroll, and **Baptist succession**, by D. B. Ray, which argue that Baptists have preserved their doctrines and practices since apostolic times, resisting influences from the Roman Catholic Church and other denominations. However, the theory faces criticism from historians like Zaquei Moreira de Oliveira, Henry Vedder, and Justo Anderson, who point out methodological flaws and argue that the true continuity of Baptists lies in adherence to apostolic principles and practices, rather than an institutional succession. The document notes that the popularity of the JJJ Theory significantly impacted denominational and evangelistic strengthening, particularly in Brazil between the 1960s and 1980s. However, the theory is not widely supported by contemporary historians, who prefer a more critical approach based on historical evidence.

Keywords: Baptists. Origin. History. Landmarkism. Successionism.

1 INTRODUÇÃO

Existem três principais correntes de pensamento sobre a origem dos batistas no mundo. São elas: Teoria JJJ (João - Jordão - Jerusalém), origem ou parentesco espiritual dos anabatistas e origem nos separatistas ingleses.

A Teoria J-J-J, muito defendida pelos batistas americanos identificados com o Landmarkismo, sustenta que os batistas descendem da época de Jesus, configurando-se como uma sucessão apostólica. Acreditamos que essa teoria encontra combustível no sentimento sincero de nossos irmãos que não querem que sua história enquanto “povo batista” tenha ligação alguma com o catolicismo apostólico romano, ou mesmo na possibilidade dos batistas como resultado de uma Reforma Protestante, embora esta fosse uma reforma mais profunda ou radical.

Existe também uma teoria de que os batistas são herdeiros ou têm um “parentesco” espiritual com os anabatistas. Apesar de este estudo não defender essa posição, é importante entender que, de certo modo, faz sentido pensar nessa hipótese por conta dos estudos epistemológicos acerca do nome (anabatistas-batistas) e pelos pontos em comum partilhados entre os anabatistas e batistas, sobretudo no que diz respeito à doutrina e aos princípios. Além disso, a primeira comunidade de fé batista na Holanda foi alicerçada sob forte influência anabatista, mas acreditamos que ela não era, em sua integralidade, igreja anabatista, uma vez que havia pontos importantes de discordância com eles. Estudiosos vão divergir no que concerne ao fato da história dos anabatistas e dos batistas se encontram ou se entrelaçam, se são tangenciais ou interseção.

Até então, a teoria que tem sido mais academicamente abordada e aceita é a dos separatistas ingleses, que aborda o surgimento do movimento batista como um grupo de dissidentes puritanos no século XVII. É importante frisar que, mesmo nessa teoria, há o reconhecimento de que a igreja nasceu quando um grupo de refugiados ingleses foi para a Holanda em busca de liberdade religiosa em 1608; o grupo era liderado por John Smyth, um clérigo, e Thomas Helwys, um advogado. Em 1609, eles organizaram em Amsterdã uma igreja de doutrinas batistas.

De volta à Inglaterra, Thomas Helwys organizou uma Igreja Batista em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612. Levamos em consideração o contexto da primeira declaração de fé de Helwys, o fato da separação de John

Smyth da igreja em Amsterdã e, por consequência, sua dissolução e retorno para a Inglaterra. Portanto, este contexto é bastante considerado nos estudos sobre a origem dos batistas. Há de se reconhecer também que havia dois grupos emblemáticos entre os pioneiros: os gerais e particulares, que apesar dos inúmeros pontos teológicos em comum, divergiam na posição soteriológica da expiação de Cristo. Os gerais criam na expiação geral que a expiação de Cristo é para todos, e os particulares criam que apenas um grupo seletivo de eleitos e predestinados desde a eternidade pode receber as bênçãos da salvação através da expiação particular.

Este artigo busca realizar uma revisão bibliográfica para refletir a teoria do Sucessão batista, também conhecido como “Teoria J-J-J”, que em alguns autores é conhecida como Jesus-Jordão-Jerusalém, enquanto que para outros é João-Jordão-Jesus – a qual advoga que os batistas são descendentes diretos de Cristo e da igreja primitiva e, portanto, são a verdadeira igreja que se manteve fiel ao longo dos séculos. O estudo irá refletir autores que defendem e outros que realizam uma reflexão crítica a respeito dessa teoria.

2 O RASTRO DE SANGUE, O LANDMARKISMO E A TEORIA JJJ

O rastro de sangue é um livro que foi amplamente difundido no Brasil. Escrito por J. M. Carroll, constrói uma abordagem que define bem a defesa de uma das teorias sobre a origem dos batistas, a Teoria JJJ (Jerusalém, Jordão, João) e explora a história das igrejas batistas desde os tempos de Cristo até os dias atuais. Carroll, nascido em 1858 e falecido em 1931, foi um influente líder batista no Texas e nos Estados Unidos. Seu trabalho alicerça a narrativa que busca escrever a trajetória histórica das igrejas batistas, destacando tanto os períodos de perseguição quanto os momentos de crescimento e consolidação.

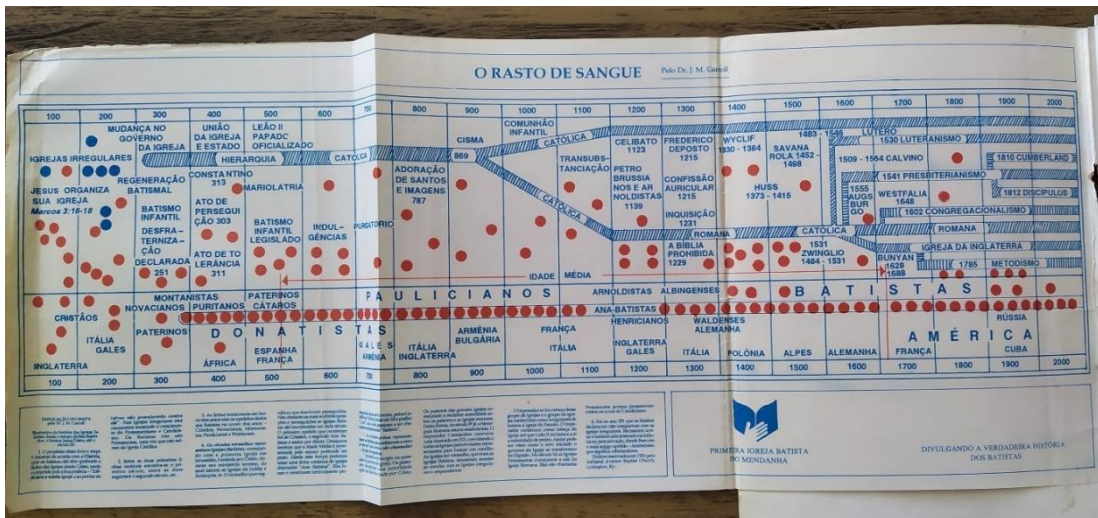
Esta é uma teoria que ainda é defendida por muitos batistas no Brasil. Isso se deve ao fato deste livro ter alcançado grande sucesso e ampla divulgação entre as décadas de 1960 e 1980. Neste período, o Brasil recebeu o 10º Congresso da Aliança Batista Mundial, grandes campanhas nacionais de evangelização promovidas pelos batistas da Convenção Batista Brasileira (CBB), além de cruzadas evangelísticas do pastor batista Billy Graham, tendo experimentado o aumento significativo na implementação de igrejas batistas por ocasião da comemoração do

centenário dos batistas brasileiros em 1982. Com a difusão da teoria através da distribuição do livro Carroll, que teve alcance nacional, sobretudo no sudeste brasileiro, houve ganho de força e ainda hoje existe um grande número de adeptos, apesar de outras obras como **Breve história dos batistas**, de J. Reis Pereira, serem editadas e distribuídas oficialmente pela JUERP (Junta de Educação Religiosa e Publicações) da CBB, e que nelas sejam expostas as demais teorias, a dos separatistas puritanos e do parentesco espiritual com os anabatistas.

O livro apresenta o autor e seu contexto histórico. Carroll nasceu no Arkansas e mudou-se para o Texas ainda criança, onde se converteu, foi batizado e consagrado ao ministério. Tornou-se um líder significativo entre os batistas texanos e, posteriormente, uma figura de destaque entre os batistas do Sul dos EUA e do mundo (Carroll, 1995, p. 7).

No primeiro capítulo, Carroll descreve a origem do Cristianismo com Cristo entre os anos 25 e 30 d.C., dentro do Império Romano, um dos maiores impérios da história. Ele defende que, apesar de o Império ser predominantemente pagão, o Cristianismo se expandiu rapidamente sob a liderança de figuras como João Batista, Cristo e os doze apóstolos. Essa expansão, no entanto, foi acompanhada por intensas perseguições, começando com a morte de João Batista e continuando com o martírio de muitos outros líderes cristãos (Carroll, 1995, p. 18-19).

Figura 1 - Mapa do livro O rastro de sangue



Fonte: Memória dos Batistas (<http://www.igrejabatista.net/blog/o-rastro-de-sangue-jm-carroll>)

Acesso em: 24 jun. de 2024.

Carroll examina o desenvolvimento das primeiras igrejas cristãs, destacando as mudanças que ocorreram no governo da Igreja e na doutrina. Ele apresenta um grande "Mapa dos Séculos". Nos primeiros dois séculos, as igrejas locais multiplicaram-se rapidamente, mas começaram a surgir desvios dos ensinamentos originais do Novo Testamento. Um exemplo disso é a introdução do conceito de "Regeneração Batismal" e o batismo infantil, que foram adotados por algumas igrejas desviadas (Carroll, 1995, p. 31-33). Essas mudanças levaram, segundo o estudioso, à primeira separação oficial entre as igrejas em 251 d.C., quando algumas igrejas leais declararam dissociação das que praticavam tais erros (Carroll, 1995, p. 33-34).

Ao abordar o desenvolvimento e a expansão das igrejas durante a Idade Média, período marcado por continuadas perseguições e martírios, Carroll (1995) destaca o estabelecimento do papado e seu impacto nas igrejas locais, bem como a resistência de grupos, que seriam antepassados dos batistas às imposições da Igreja Católica estabelecida. Ele descreve como esse grupo, a quem atribuiu como "batistas", sofreu intensa perseguição, mas continuou a se multiplicar e a espalhar seus ensinamentos por toda a Europa (Carroll, 1995, p. 47-49). Ao abordar o período da Reforma Protestante e no surgimento de várias denominações protestantes, Carroll argumenta sobre a relação complexa entre o poder temporal e espiritual, especialmente à medida que as igrejas protestantes buscavam se estabelecer em um mundo dominado pela Igreja Católica. Ele descreve como o grupo a quem se referiu como "batistas" se manteve fiel aos ensinamentos do Novo Testamento, resistindo a pressões tanto dos católicos quanto de outras denominações protestantes (Carroll, 1995, p. 65-67).

Ao examinar o desenvolvimento das igrejas nos Estados Unidos e sua expansão durante os séculos XVII, XVIII e XIX, Carroll (1995) elenca as contribuições significativas dos batistas para a democracia americana. Este período é marcado por um crescimento significativo das igrejas batistas, que desempenharam um papel crucial na formação da identidade religiosa americana (Carroll, 1995, p. 81-83), defendendo princípios tais como a liberdade religiosa e a separação entre a Igreja e o Estado. Carroll argumenta que esses princípios foram fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa (Carroll, 1995, p. 95-97). Dos pontos de vistas metodológico e historiográfico, os

capítulos IV e V se demonstram menos problemáticos, porque, ressalvadas algumas diferenças, a narrativa histórica aplicada parece correr no mesmo sentido de outros autores que tem seus estudos reconhecidos.

Outro aspecto que o autor defende e que converge também com outras teorias são as características doutrinárias das igrejas do Novo Testamento que Carroll apresenta. Dentre essas doutrinas estão a de ter Cristo como fundador da igreja, sendo ele o legislador e a cabeça da Igreja, a aceitação da Bíblia como única regra de fé e prática, a noção de igreja universal e de uma local com uma eclesiologia congregacional com todos os membros sendo iguais, sendo ela formada apenas por pessoas salvas, membros das igrejas e com apenas dois oficiais: pastores e diáconos. O batismo e Ceia do Senhor como ordenanças, a urgência da grande comissão, tendo como “armas de combate” apenas as espirituais e não carnais, além da separação completa entre a Igreja e o Estado (Carroll, 1995, p. 14-16).

Carroll faz um resumo da importância histórica das igrejas batistas sob uma ótica ininterrupta da época de Cristo, talvez por não aceitar nenhum resquício na construção de uma “história batista” de um passado católico. (Carroll, 1995, p. 115-117). Carroll inclui uma bibliografia parcial, citando as fontes utilizadas para a construção do livro e seus argumentos históricos (Carroll, 1995, p. 121).

O Landmarkismo e a Teoria J-J-J, defendidos por personalidades como Ben M. Bogard, oferecem uma perspectiva singular sobre a história e a identidade dos batistas. Essa visão, embora controversa, afirma defender a importância da continuidade e da fidelidade doutrinária na tradição batista. Para os adeptos do Landmarkismo, a Teoria J-J-J não é apenas uma questão histórica, mas uma afirmação de fé na pureza e na autenticidade da igreja de Cristo ao longo dos séculos. O Landmarkismo como um movimento de posições doutrinárias e históricas surgiu no século XIX entre os batistas nos Estados Unidos, promovendo uma visão eclesiológica rigorosa e exclusivista. A perspectiva histórica do Landmarkismo é a defesa da Teoria J-J-J (Jerusalém, Judeia e Jordão), que argumenta pela continuidade ininterrupta da igreja verdadeira desde os tempos de Cristo e dos apóstolos até os batistas modernos.

O Landmarkismo foi formulado na década de 1850 por James Robinson Graves e outros líderes batistas. Graves e seus seguidores criam na exclusividade

da imersão como a única forma válida de batismo e na necessidade de uma sucessão visível de igrejas locais, desde os tempos apostólicos até o presente. Portanto, a Teoria J-J-J é uma forma de Landmarkismo que se baseia na crença de que as igrejas batistas podem traçar sua origem diretamente de Jesus Cristo e dos apóstolos.

Segundo o **Dictionary baptists of America**, os batistas landmarkistas são um grupo ultraconservador dentro da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos que teve seu surgimento no século XIX, com as “Resoluções de Cotton Grove”, que defendiam que os batistas tinham a interpretação fiel do batismo e da Ceia do Senhor. O nome do movimento vem da palavra “*landmark*”, uma palavra em inglês que é composta por duas partes: “*land*” (terra) e “*mark*” (marca, sinal). Historicamente, a palavra se refere a um objeto ou característica física na paisagem que serve como um ponto de referência, frequentemente usado para navegação ou para marcar a fronteira de uma propriedade, mas que no contexto religioso para o movimento Landmarkista dentro do cristianismo batista, a palavra “*landmark*” é usada figurativamente para denotar pontos de referência teológicos e históricos que os seguidores acreditam ser essenciais e imutáveis na verdadeira igreja. Eles se baseiam no versículo do livro de Provérbios 22.28, que diz “não removas os antigos limites que teus pais fizeram”, e por isso rejeitam a ideia de uma igreja universal ou igreja invisível (Leonard, 1994, p. 166).

Ben M. Bogard (1868-1951) foi um dos mais proeminentes defensores do Landmarkismo e da Teoria J-J-J. Em seus escritos, Bogard argumentou que a continuidade da fé batista é evidenciada pela doutrina e prática mantidas consistentemente através dos séculos. Ele defendia que a igreja verdadeira nunca se afastou dos princípios fundamentais do Novo Testamento, e que os batistas, em particular, mantiveram essas tradições intactas. Bogard afirmava que, desde os tempos de Cristo, sempre houve grupos de crentes que resistiram às pressões para se conformarem com as instituições religiosas predominantes, muitas vezes enfrentando perseguições. Para ele, essa linha de fé e prática ininterrupta é a prova da autenticidade e legitimidade dos batistas como a verdadeira igreja de Cristo (Bogard, 1945, p. 49-50).

David Burcham Ray (1830-1922) foi um teólogo e historiador batista americano. Nascido em Clinton, Kentucky, Ray foi um defensor fervoroso da teoria

da sucessão batista, além de ser uma personalidade importante no movimento landmarkista, que afirma uma linha ininterrupta de sucessão da verdadeira igreja batista desde os tempos de Cristo e dos apóstolos. Ray é mais conhecido por suas obras **Baptist succession: a handbook of baptist history** e **Text-book on campbellism**. Em **Baptist succession**, publicado em 1870, Ray argumenta que os batistas são a continuação histórica da verdadeira igreja cristã, não tendo sua origem na Igreja Católica Romana, mas diretamente de Jesus Cristo e seus apóstolos. Ele argumenta que sempre existiram igrejas batistas verdadeiras ao longo dos séculos, mesmo em períodos de perseguição, citando grupos como os Novacianos e os Valdenses como precursores dos modernos batistas.

O livro **Baptist succession** de D. B. Ray defende claramente a Teoria da Sucessão Batista (JJJ). Ray, além de argumentar que os batistas são a continuação histórica da verdadeira igreja cristã, de negar que tenham origem na Igreja Católica Romana, também rejeita a ideia de que os batistas derivaram da Reforma Protestante ou de qualquer outro movimento pós-apostólico, afirmando que sempre existiram igrejas batistas verdadeiras ao longo dos séculos, independentemente de estarem na clandestinidade (Ray, 1870, p. 17).

Ray menciona a importância da “perpetuidade da Igreja de Cristo” e descreve uma linhagem histórica de igrejas que, segundo ele, mantiveram as doutrinas e práticas batistas desde os tempos apostólicos (Ray, 1870, p. 15). Ele cita vários movimentos, como os Novacianos e os Valdenses, dentre outros, como precursores ou representantes históricos dos batistas (Ray, 1870, p. 18). Ray enfatiza que a igreja de Cristo é visível e organizada, rejeitando a ideia de uma igreja invisível, defendendo que a verdadeira igreja de Cristo sempre foi uma entidade visível ao longo da história, com práticas e doutrinas claras e distintas (Ray, 1870, p. 9-14) e, nesse sentido, explora a natureza da sucessão batista, afirmando que a continuidade das igrejas batistas é evidenciada pela manutenção das doutrinas e práticas apostólicas.

Ray identifica sete características distintivas que, segundo ele, sempre definiram as igrejas batistas ao longo da história: Jesus Cristo como fundador e cabeça; a Bíblia como única regra de fé e prática; a ordem dos mandamentos (arrependimento, fé, batismo e Ceia do Senhor); imersão como forma de batismo; igualdade entre os membros na execução das leis do reino de Cristo; observância da

ceia do Senhor; perseguição das igrejas batistas e sua resistência ao longo dos séculos (Ray, 1780, p. 19-23).

Ray também explora argumentos que rejeitam outras teorias da origem dos batistas. Ele refuta a ideia de que os batistas derivaram de movimentos da Reforma Protestante, expondo crer que tais movimentos se desviaram das verdadeiras doutrinas cristãs. Ele posiciona os batistas como os verdadeiros herdeiros da igreja apostólica, mantendo a pureza da fé cristã desde os tempos de Cristo (Ray, 1870, p. 76-91). Também aborda as críticas e acusações realizadas contra os batistas, especialmente aquelas advindas da Igreja Católica e de outras denominações protestantes. Ele defende a legitimidade histórica e teológica dos batistas, respondendo a várias acusações de heresia e separatismo com argumentos próprios baseados em leituras históricas e teológicas próprias (Ray, 1870, p. 114-121).

Outra personalidade que aparentemente defendeu a Teoria JJJ, ou pelo menos em determinado momento de sua vida, foi pastor batista Charles Haddon Spurgeon. Em uma assembleia dos Batistas de Londres no dia 02 de abril de 1861, realizada no Tabernáculo Batista de Londres, expôs sua opinião sucessionista ao introduzir sua palavra aos presentes naquela noite.

O convite do anfitrião da noite justificava-se, segundo palavras do próprio Spurgeon, “na esperança de que algo pudesse ser sugerido que promovesse nosso sucesso como um corpo unido”. Ao se referir ao templo, ou seja, ao Tabernáculo Batista de Londres, afirmou que “essa capela não pertence a mim nem à minha Igreja especialmente, mas a toda a denominação batista! Sinto-me esta noite como se estivesse entregando as escrituras de confiança aos proprietários apropriados” (Spurgeon, 1861, p. 539). Logo após afirmar que aquela igreja “não pertence a nenhum homem, mas, primeiro, a Deus”, completou dizendo que pertenciam também “àqueles que mantêm a pura fé apostólica antiga e primitiva”. A defesa da teoria sucessionista por Spurgeon fica evidente em sua seguinte fala:

Nós acreditamos que os batistas são os cristãos originais. Nós não iniciamos nossa existência na reforma, nós fomos reformadores antes que Lutero ou Calvino nascessem, nunca viemos da Igreja de Roma, porque nunca estivemos nela, antes, temos uma linha ininterrupta até aos próprios apóstolos. Nós sempre existimos desde os próprios dias de Cristo, e nossos princípios, às vezes velados e esquecidos, como um rio que pode correr ocultamente por uma pequena época, sempre tendo seguidores honestos e santos. Perseguidos por romanistas e protestantes de quase todas as seitas, mas nunca existiu um governo que tivesse princípios Batistas que perseguissem os outros; nem acredito que qualquer um dos Batistas tenha

considerado que é justo colocar as consciências de outros sob o controle do homem. Nós já estivemos prontos a sofrer, como demonstrarão os nossos martirológicos, mas não estamos prontos a aceitar qualquer ajuda do Estado, a prostituir a pureza da Noiva de Cristo a qualquer aliança com o governo, e nunca vamos fazer da Igreja, embora a rainha, a déspota sobre as consciências dos homens (Spurgeon, 1861, p. 539).

3 A CRÍTICA AO LANDMARKISMO E A TEORIA JJJ

Zaquei Moreira de Oliveira, um pastor e teólogo batista, ex-reitor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (CBB), é um adepto da teoria separatista inglesa. Ele realiza uma crítica à Teoria JJJ e explora os aspectos sectários do Landmarkismo em sua obra **Um povo chamado batista**. Além disso, realiza observações sobre a obra de J. M. Carroll, afirmando que os primeiros missionários batistas estavam “impregnados dessa teoria” (Oliveira, 2014, p. 59) e que a difundiam entre os novos crentes convertidos no recém-formado campo missionário brasileiro.

Outra crítica elaborada por Oliveira (2014) é a respeito do Landmarkismo e à máxima “da mesma fé e ordem”. Essa máxima trazia consigo a defesa da administração da ceia apenas para os crentes da igreja local, pois só assim poderia se aferir que a mesma estava sendo ministrada a crentes fieis através dos séculos, já que o pastor local seria capaz de conhecer cada um deles. Portanto, para a administração da Ceia do Senhor não bastava ter a mesma fé (batista), mas precisavam ser da mesma ordem, ou seja, ter pensamento e prática landmarkistas, e isso incluía ser adepto à Teoria JJJ. Esse aspecto sectário, mesmo em relação a outros batistas, era algo que faz com que Oliveira (2014) percebesse que a Teoria JJJ era o motor que movia o Landmarkismo e, por consequência, elaborou sua crítica ao movimento e à teoria.

[...] só os batistas eram cristãos, pelo que ra indesejável o relacionamento ou atividades em conjunto com outros grupos, mesmo evangélicos. Assim os adeptos dessa teoria se opunham à “imersão alheia”, ou sea, o batismo ministrado por um não batista. Eles rejeitavam também a “troca de púlpito”, impedindo que pastores não batistas pregassem em uma de suas igrejas, por não considerarem que eles fossem verdadeiros ministros do evangelho. Finalmente eram ultrarrestritos na ministração da Ceia do Senhor, não aceitando a participação de outras pessoas evangélicas, e mesmo de igrejas batistas, por considerarem que a ordenança era exclusiva para a igreja local. Essas posições partiam do princípio de que o marco inicial dos batistas está no primeiro século de nossa era, pelo que há uma sucessão deles desde o início da história do cristianismo (Oliveira, 2014, p. 59).

Haykin (2020) chama a atenção que a Teoria JJJ, embora tenha se tornado popular no século XIX, não é encontrada em obras de estudiosos da história dos batistas nos séculos XVII e XVIII, tal qual advogada pelo livro **O rastro de sangue**. Haykin (2020) menciona o historiador Thomas Crosby (1683-1752), que em sua obra **The history of the english baptists**, publicada entre 1738 e 1740, apesar de ter reconhecido que sempre houve crentes fiéis na história da igreja, não transforma esse pensamento como sendo evidência para uma origem dos batistas. Haykin (2020), ao defender a teoria separatista, afirma que o recorte histórico para origem dos batistas é o século XVII, e completa ao citar W. Morgan Patterson: “aparentemente os escritores desse período inicial da história batista firmavam nada além de uma continuidade do testemunho evangélico” (Haykin, 2020, p. 35).

J. Reis Pereira (1979), outro pesquisador da história dos batistas, foi professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e autor de livros publicados pela JUERJP que foram distribuídos para os batistas da CBB através desta junta. Em seu livro **Breve história dos batistas**, apresenta resumidamente as três principais teorias. Curiosamente, ao referenciar “Thomas Crosby”, ao contrário de Haykin (2020), afirma que Crosby é um dos autores que defendem a teoria sucessionista JJJ.

Ao ler as obras de Crosby, é possível afirmar que ele não tenta, tal qual Carroll faz, sistematizar uma linha do tempo ininterrupta para a origem dos batistas enquanto denominação intitucionalizada. Contudo, seguindo a pista dada por Haykin (2020), ao realizar a leitura da fonte primária, ou seja, do livro **The history of the english baptists**, observamos que Crosby (1738-39) parece defender que os batistas britânicos de sua época mantiveram a fé apostólica e resistiram às imposições romanas, quando defendem, por exemplo, o credobatismo (e o rebatismo) ao citar a igreja de Coríntios (Crosby, 1739, p. 6, 7, 333). Obviamente, existe um debate dentro na história da igreja em torno do batismo por imersão e o credobatismo, o que não é objetivo deste artigo, porém, sua citação é válida, pois Crosby defende que os batistas tinham práticas que eram dos cristãos primitivos, e isso inclui o batismo bíblico por imersão. Ao observar essa tal defesa, não fica claro que Crosby busca realizar uma linha histórica sucessionista para os batistas de seu tempo, mas sim a busca por um elo espiritual com as práticas das igrejas primitivas.

Apesar de buscar uma aproximação entre as práticas da igreja primitiva e as

práticas dos batistas ingleses, Crosby não defende explicitamente uma linha ininterrupta de sucessão desde os tempos apostólicos até os batistas de seu tempo. Em vez disso, reflete sobre a fidelidade bíblica que os batistas de sua época compartilham com a igreja primitiva, enfatizando a continuidade das práticas e doutrinas apostólicas, porém, não uma sucessão institucional direta e contínua. A defesa da continuidade de práticas e doutrinas apostólicas pode ter levado Pereira (1979) a interpretar que Crosby defende o Sucessionismo, mas, como mencionado, essa não é teoria defendida na obra do autor em destaque.

É importante refletir também sobre o tempo e o espaço em que Pereira (1979) escrevia sua obra. Ele buscava uma posição mediadora em torno de uma obra que pudesse ser ao mesmo tempo, uma obra de consulta, mas também uma obra que não advogasse explicitamente por nenhuma teoria. Ele afirma que “é possível aproveitar alguma coisa de cada uma dessas teorias” (Pereira, 1979, p. 10), assumindo uma posição intermediária, já que no campo da CBB sempre existiram batistas que defenderam uma ou outra teoria. A preocupação do estudioso era denominacional. Ele não tinha a pretensão de que seu livro se tornasse ponto de tensão dentro de sua própria denominação, especialmente para os batistas da CBB.

Este livro modesto e simples não se destina a estudantes de Seminário, mas ao povo em geral. Escrevi-o, tendo em vista a Campanha de Integração que ora se realiza entre os Batistas do Brasil. Um dos objetivos dessa Campanha é levar cada batista brasileiro a ser mais batistas, isto é, mais cristão. Cada batista brasileiro deve saber o que significa ser batista e o que tem significado isso através dos séculos. Como batistas, recebemos, de muito longe, uma nobre herança que vale a pena preservar. Por isso escrevi esse livro (Pereira, 1979, p. 5).

Torna-se notória a preocupação de Pereira (1979) com o fato de que seu livro promovesse uma integração em torno de uma identidade batista, e não em um livro para discutir profunda e criticamente todas as teorias. Ao ler a obra do autor, observamos que ele expõe as três teorias de forma didática e simples para o público batista em geral. Por isso, ao mesmo tempo em que o livro apresentava as principais teorias da origem dos batistas, não se preocupava em contrapor de maneira crítica e incisiva nenhuma das teorias então apresentadas.

No livro **History of the baptists**, de Thomas Armitage (1890), o autor discute as origens e a continuidade dos batistas, mas não endossa especificamente a teoria landmarkista, que defende uma linha ininterrupta de igrejas batistas desde os

tempos apostólicos até o presente. Em vez disso, Armitage (1890) reconhece a dificuldade e também a falta de evidência histórica para dar base à teoria sucessionista. Além disso, argumenta que a verdadeira sucessão dos batistas deve ser baseada na continuidade dos princípios e práticas apostólicas, em vez de uma sucessão institucional visível.

Armitage (1890) enfatiza que a essência da história batista está na fidelidade aos ensinamentos e práticas do Novo Testamento, independentemente de uma linha organizacional contínua de igrejas. Ele compara isso com a história do povo judeu, que manteve sua identidade e tradições mesmo sem uma linhagem ininterrupta de tribos (Armitage, 1890, p. 225). Portanto, a Teoria JJJ de sucessão landmarkista visível e ininterrupta de igrejas batistas não encontra apoio no autor em voga. Assim, ao invés disso, valoriza em sua obra a fidelidade dos princípios batistas aos ensinamentos bíblicos e apostólicos da igreja primitiva, tal qual Crosby (1738-39) também o fizera.

Portanto, Armitage (1890), defende a abordagem que há uma continuidade, pelos batistas, dos princípios e práticas apostólicas, mas não defende explicitamente uma linha de sucessão denominacional ou institucional ininterrupta de igrejas batistas desde o período de Cristo, apostólico ou pós-apostólico. Em vez disso, enfatiza a continuidade da fé e prática apostólica, buscando um elo dos batistas com as práticas da igreja primitiva, citando João Batista e o Batismo de Jesus, reconhecendo a importância de João Batista como precursor de Jesus e como figura significativa no início da prática do batismo bíblico, assim como os batistas praticam. É importante dizer que o autor não afirma que a Igreja Batista moderna descende diretamente de João Batista (Armitage, 1890, p. 55-60).

Para Armitage (1890, p. 75-80), dizer que as igrejas do Novo Testamento são apresentadas em sua obra como modelos ideais de igreja para os batistas não significa afirmar que há uma sucessão institucional visível e ininterrupta das igrejas primitivas até os batistas modernos. Ao propor reflexão dos tempos pós-apostólicos nos séculos II a IX, o autor chega a desenvolver um pensamento da presença de práticas batistas ao longo dos séculos, mas reconhece a falta de uma evidência histórica clara para uma sucessão ininterrupta até os batistas modernos (Armitage, 1890, p. 105-110). Ele aborda a evolução das práticas batistas, sugerindo que os princípios batistas foram mantidos, mesmo que não de forma contínua e visível (p. 115-120), ou seja, que crentes fiéis sempre existiram desde a igreja primitiva e ao

longo dos séculos, e que algum grupo existente entre eles formaram o movimento que deu origem aos batistas no século XVII.

Por fim, Armitage (1890) argumenta que a verdadeira sucessão dos batistas deve ser baseada na continuidade dos princípios e práticas apostólicas, em vez de uma sucessão institucional visível e ininterrupta. Ele critica a ideia de que uma linha de sucessão visível e ininterrupta é necessária para validar a existência das igrejas batistas (Armitage, 1890, p. 200-210). Ele avança, quando compara a continuidade da fé batista com a história do povo judeu, que manteve sua identidade e tradições mesmo sem uma linhagem ininterrupta de tribos (Armitage, 1890, p. 225), e destaca que a fidelidade aos ensinamentos e às práticas do Novo Testamento é o que define a verdadeira continuidade dos batistas. Portanto, Armitage valoriza a continuidade dos princípios e a fidelidade aos ensinamentos apostólicos, mas não apoia a ideia de uma sucessão landmarkista ou qualquer linha de sucessão ininterrupta desde os tempos de Cristo, apostólicos ou pós-apostólicos.

No livro **Historia de los bautistas**, Justo Anderson (2015) aborda as três principais teorias sobre a origem dos batistas, contemplando a teoria do Sucessão Batista. Ele reflete que essa tal teoria defende uma sucessão apostólica, sustentando que a história batista remonta aos tempos apostólicos e afirmando que os batistas podem traçar sua linhagem diretamente de Jesus Cristo e dos apóstolos. Anderson (2015) explica que os proponentes dessa teoria acreditam na necessidade de traçar uma linha ininterrupta de igrejas batistas desde os tempos de Cristo até os dias atuais e veem essa sucessão histórica como essencial para a integridade e a continuidade da verdadeira igreja de Cristo.

Anderson (2015) indicou alguns preponentes da teoria. Dentre eles, está G. H. Orchard, considerado o “pai dos sucessionistas”. Ele publicou **A concise history of foreign baptists**, em 1838, defendendo que a Igreja Batista tem existido desde o dia de Pentecostes até os tempos modernos. Outro autor que defende essa teoria é David Benedict, em sua obra **A general history of the baptist denomination in America and other parts of the world**, de 1848. Benedict argumenta que as crenças peculiares dos batistas sempre existiram e estavam presentes nas diversas seitas que se separaram das igrejas grega, romana e de outros corpos eclesiásticos. Já outro autor que corrobora para a teoria sucessionista, segundo Anderson (2015), é W. A. Jarrel, o qual, em seu livro **Baptist church perpetuity**, de 1894, cunha a

expressão “perpetuidade das igrejas batistas”, defendendo que sempre houve uma igreja neotestamentária genuína desde os tempos de Cristo.

Anderson (2015) observa que, embora essa teoria tenha sido popular entre alguns batistas, especialmente na América do Norte, ela é criticada por violar os princípios da investigação histórica. Ele menciona que esses historiadores, em sua “luta” contra os pedobatistas (congregacionalistas, presbiterianos, metodistas, reformados, etc.), inconscientemente recorreram aos argumentos católico-romanos e anglicanos para buscar uma sucessão apostólica mais verídica. Como resultado, acabaram cometendo erros semelhantes aos da Igreja Católica Romana ao tentar estabelecer uma cadeia de sucessão histórica. Além disso, Anderson destaca que a teoria da sucessão apostólica perdeu força entre os acadêmicos batistas no final do século XIX, apesar de ter desfrutado de um renascimento durante a Primeira Guerra Mundial devido à popularidade de obras como **Baptist succession**, de D. B. Ray, e **A history of baptists**, de J. T. Christian.

O historiador batista Henry C. Vedder, em **A short history of the baptists**, apresenta uma visão crítica da teoria do sucessionismo batista. Vedder argumenta contra essa visão, enfatizando que a verdadeira sucessão apostólica é espiritual e baseada na continuidade da fé e obediência a Cristo, não em uma linha ininterrupta de igrejas visíveis, destacando, ainda, que a insistência em uma continuidade histórica visível, como defendida pela Igreja Romana, é uma leitura equivocada das palavras de Cristo. Ele critica a ideia de que a promessa de Cristo à sua igreja implique em uma continuidade histórica que pode ser provada documentalmente. Segundo Vedder, essa interpretação não é necessária e força um significado que Cristo não afirmou explicitamente:

Assumir a necessidade de uma continuidade externa na vida da igreja é ler gratuitamente nas palavras de nosso Senhor algo que ele cuidadosamente se absteve de dizer. Roma, para seus próprios propósitos, assume que o único possível significado das palavras é que a igreja de Cristo terá uma continuidade histórica que pode ser provada por evidências documentais e outras. Mas esse não é, de forma alguma, o significado necessário da promessa de Cristo (Vedder, 1907, p. 7).

Para Vedder (1907), a verdadeira igreja que Cristo prometeu edificar sobre a rocha, garantindo sua vitória contra os portões do Hades, não é uma instituição visível, mas sim a assembleia de todos aqueles que, em todas as eras,

verdadeiramente amam a Deus e obedecem aos mandamentos de Cristo:

A igreja que ele disse que construiria sobre a rocha, à qual ele garantiu vitória contra os portões do Hades, não é um corpo visível — essa é a grande falsidade de Roma — mas a assembleia daqueles que em todas as eras verdadeiramente amam a Deus e guardam os mandamentos de Cristo. Destes, houve uma linha ininterrupta, e aqui está a verdadeira sucessão apostólica — não há outra (Vedder, 1907, p. 8).

Ainda de acordo com o estudioso, essa é a única e verdadeira sucessão apostólica, uma linha espiritual ininterrupta de fé e prática cristã genuína. Ressalta ainda que a teoria da igreja, conforme deduzida das Escrituras, não requer uma sucessão externa e visível dos apóstolos, sugerindo que mesmo que todas as igrejas visíveis se tornassem apóstatas, seria possível e correto que qualquer grupo de verdadeiros crentes organizasse uma nova igreja baseada no modelo apostólico de fé e prática. Essa nova igreja teria a única sucessão apostólica que realmente importa: uma sucessão de fé no Senhor Cristo e obediência a Ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de concordar com a crítica à Teoria JJJ, há de se reconhecer que o esforço dos historiadores que a defendem ressaltou neste ponto de vista um elemento de verdade, ou seja, que as igrejas batistas devem ser apostólicas em doutrina e prática. Mesmo historiadores clássicos, reconhecendo que não há uma linha ininterrupta institucional para a origem dos batistas com a igreja primitiva, reconhecem que os batistas buscam com zelo manter uma identidade de igreja neotestamentária, uma defesa à apostolicidade de doutrinas e princípios para a denominação.

No entanto, essa apostolicidade não depende (como eles sustentavam) de uma sucessão institucional ou mesmo denominacional histórica apostólica. Esses historiadores, ingleses e norte-americanos, na defesa dos distintivos batistas fincados na era apostólica, inconscientemente recorreram aos argumentos católico-romanos e anglicanos em busca de uma sucessão denominacional que seja apostólica mais verídica que as demais. Cometeram o antigo erro de Irineu, que, frente à ameaça dos gnósticos, recorreu à sucessão dos bispos romanos, resultando mais tarde no dogma da sucessão papal.

Os historiadores que defendem a Teoria JJJ, os quais foram abordados neste artigo, em seu afã de estabelecer a relação apostólica, falham em princípios metodológicos na investigação histórica e, como resultado, recaem sobre o mesmo erro da Igreja Católica Romana: de reduzir evidências históricas apenas na fé denominacional. Depois, a necessidade de serem consequentes os levou a cometer outros erros, a saber: a confusão da igreja com o reino, da história dos princípios batistas com a história dos batistas, da história do batismo com a história de uma denominação batista. Também exibiram uma exclusividade denominacional mais estreita que os próprios católicos com o Landmarkismo, que seguiu um caminho sectarista, identificaram as igrejas batistas com “o reino de Deus”, e excluíram as demais tradições (mesmo batistas ou evangélicas históricas) do cristianismo de características neotestamentária. Esse radicalismo levou autores como J. M. Carroll a serem criticados pelos historiadores contemporâneos como “historiadores” polêmicos e apologéticos, sem um reconhecimento de um rigor mais acadêmico historicista.

Aparentando ter a procuração do método aos romanistas e aos anglicanos, os “sucessionistas” buscavam dar a uma denominação, sem uma “herança rica” e “antiga”, uma razão de ser, buscando uma identidade própria para uma “igreja batista” que sempre foi diversa, ao traçar sua história até a época apostólica. É bem verdade que essa teoria ajudou os batistas em certas épocas críticas de seu desenvolvimento eclesiástico, mas agora não está em vigor entre os historiadores batistas modernos e contemporâneos que consigam academicamente sustentar tal teoria. Entretanto, é possível ainda observar os resultados da apologética dessa teoria, que estão bem arraigados na mentalidade batista popular, sobretudo em boa parte dos batistas norte-americanos e brasileiros.

É preciso reconhecer que essa teoria, mesmo que se demonstre infundada historicamente, leva-nos pela fé a olhar a igreja neotestamentária como um modelo a ser seguido, e que valores e princípios podem ser observados biblicamente e não dependendo pura e simplesmente de aspectos de natureza documental e histórica. Constata-se, portanto, que a apostolicidade das igrejas batistas está na observância dos ensinamentos de Jesus e os escritos bíblicos, e não em uma linha histórica que seja institucional ou denominacional meticulosamente documentada.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Justo. **Historia de los bautistas**. Editorial Mundo Hispano, 2015.

ARMITAGE, Thomas. **History of the baptists**. New York: Bryan, Taylor & Co., 1890. Disponível em: http://ia800909.us.archive.org/17/items/HistoryOfTheBaptists/History_of_the_Baptists_-_Armitage.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.

BOGARD, Ben M. **The baptist way-book**: a manual designed for use in baptist churches. Arkansas; Texas: Bogard Press. 1945.

CARROLL, J. M. **O rastro de sangue**: acompanhando os cristãos através dos séculos ou a história das igrejas batistas, desde o tempo de Cristo, seu fundador, até os nossos dias. 2007. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org>. Acesso em: 29 de jun. 2024.

CROSBY, Thomas. **The history of the English Baptists, from the Reformation to the beginning of the reign of King George I**. Vol. 1. London: [s.n.], 1738. Disponível em: <http://archive.org/details/historyofengli01cros>. Acesso em: 30 de jun. 2024

CROSBY, Thomas. **The history of the English Baptists, from the Reformation to the beginning of the reign of King George I**. Vol. 2. London: [s.n.], 1739. Disponível em: <http://archive.org/details/historyofengli02cros>. Acesso em: 30 de jun. 2024.

HAYKIN, Michael. **Os primeiros batistas**: redescobrimo a nossa herança inglesa. Rio de Janeiro: Pro Nobis Editora, 2020.

LEONARD, Bill J (org.). **Dictionary baptists of America**. Madison: InterVarsity, 1994.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Um povo chamado batista**: história e princípios. Recife: Kairós Editora, 2014.

PEREIRA, J. Reis. **Breve história dos batistas**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1979.

RAY, D. B. **Baptist succession**: a handbook of Baptist history. Cincinnati: Geo. E. Stevens & Co., 1870. Disponível em: <http://archive.org/details/baptistsuccessi00rayd>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SPURGEON, C. H. Sir Morton Peto In The Chair. *In*: SPURGEON, C. H. **Spurgeon's sermons**: the metropolitan tabernacle pulpit, vol. II. Disponível em: <http://www.classicchristianlibrary.com>. Acesso em: 29 de jun. 2024.

VEDDER, Henry C. **A short history of the baptists**. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1907.